

TEATRO

"Bertoldo a Corte"

Podem, um tema e uma personagem revividos depois que se passaram quatro séculos de sua criação, interessar ao publico atual? A resposta afirmativa foi dada pelo espetáculo de estreia do "Stabile de Torino", no Municipal.

Retomando a personagem "Ru-zante", isto é o Folgazão, e situando-a numa corte imaginária, Máximo Dursi retrata as peripécias pelas quais Bertoldo passa na vida de uma corte, igual a todas as cortes, mas com sabor profundamente atual.

Bertoldo encanta porque mostra, em primeiro lugar, uma virtude que, na falta de outra, leva um camponês simples, mas astuto, a defender-se de tudo aquilo de que a sua condição social se vê ameaçada. Importa-lhe, acima de tudo, defender a sua liberdade de cantar e de dizer o que pensa. Com isso, naturalmente, não concorda a corte imaginária. Mas qual a corte que concordaria? Por isso, Bertoldo é preso e condenado à morte. Mas o Rei diverte-se tanto com suas pilhérias que manda soltá-lo. Bertoldo resiste às lisonjas dos cortezãos e instiga as damas do Reino a que se rebellem contra o Rei. Furiosa, a rainha pede ao monarca a cabeça de Bertoldo — valendo-se do ensejo — também uma parcela de poder. O rei, que não quer abdicar de, ainda mesmo, uma parte de sua autoridade, recorre a Bertoldo e por meio de um artifício, uma caixinha de segredos que aguçará a curiosidade das mulheres, consegue burlar a rainha e as damas. Contrariados os planos da rainha, cogita o rei de tranquilizá-la, mas não vê outra saída senão entregar-lhe Bertoldo, que é posto dentro de um saco para ser lançado a um rio. Com hábil estratagem, que consiste em convencer o capitão da guarda que o saco é encantado, Bertoldo consegue que o capitão entre dentro do saco, amarrado, e foge. E' alcançado na sua fuga e condenado à morte. Como ultima graça, pede para ser enforcado na árvore que escolher. Mas esta é um pequenino arbusto, de poucos centímetros... Não desiste a rainha e usa o ardil de mandar vir para a corte a mulher e o filho de Bertoldo, corrompendo-os mediante uma vida de fartura que jamais haviam conhecido. Inócuos são esforços de Bertoldo para convencer a mulher e o filho a não se deixarem corromper pelos cortezãos, para que abandonem tudo. Eles não atendem ao apelo. Desesperado, Bertoldo lança mão do recurso da greve da fome, pois prefere morrer a tornar-se cortezão. Enquanto os coveiros transportam o seu corpo, todos os personagens da corte transformam-se em mu-

mias — simbolizando a morte perpétua de suas almas — e Bertoldino, o filho, principia a silabar a melodia que seu pai sem-

pre cantara: será ele também um homem livre.

A sabedoria de Bertoldo reside na astúcia com que vence os seus antagonistas e opositores, que nada mais são do que títeres. Embora cômico, divertido, Bertoldo tem consciência de que a unica solução para evitar as duras regras do mundo é esquivar-se, escapular. A sua comicidade decorre de um repetido exercício de acuidade e habilidade dialética. A maturação desse personagem, consoante Giorgio Guazzotí, só foi possível graças ao movimento da "Resistenza italiana" de que o camponês participou ativamente, pela primeira vez. O antigo Bertoldo divertia pela franqueza popularesca, arguta e incisiva. A sua fantasia simples e pungente conquistava a simpatia do publico. Mas se o antigo Bertoldo suscitava simpatia, o novo, com sua melancolica obstinação, absoluta, quase desesperada, desperta amor.

O fermento humano contido no caráter do protagonista é um canto de liberdade. Combatendo o despotismo, a tirania, a opressão, Massimo Dursi remata o texto com um grito cantado: "O homem deve viver sem medo", pois o medo é o inimigo maior da liberdade, o medo que os homens manifestam pelo poder do Estado e dos governantes.

A primorosa encenação de Gianfranco de Bozio, os cenários de Luciano Damiani, belos e inteligentes, os figurinos de Ezio Frigerio, a musica de Sergio Librovici, o desempenho excelente dos interpretes fazem de "Bertoldo a Corte" um magnifico espetáculo, desses a que raramente se assiste entre nós.

A naturalidade sedutora de Gianni Mantesi, a autoridade semi-caricata de Paola Borboni, o porte cômico de Giulio Oppi, a vivacidade de Edda Albertini, a pose austera e irrisória de Renzo Giovampetro, o histrionismo de Franco Passatore, o aspecto satírico de Ernesto Cortese, a voz sonora e a dicção clarissima de Pietro Butarelli, a beleza "popular" de Franca Tamantini, a rusticidade de Gina Sammarco, a meia imbecilidade (do personagem, é claro) de Alexandre Espósito, tudo isso reunido, e manifestando as grandes linhas da interpretação, tornam a representação de "Bertoldo a Corte" extremamente atrativa, divertida, encantadora.

Uma estreia brilhante que, logo de inicio, comprova que o "Stabile di Torino" é um conjunto dramático que honra a Itália.

— NICANOR MIRANDA.